

Lima Barreto: paixão e loucura.

Por Fernando Andrade

LIMA BARRETO, pingente dos trens de subúrbio do Rio de Janeiro, teve aguda percepção dos contrastes sociais.

Obra:

ROMANCE

Recordações do Escrivão Isafas Caminha (1909)
Triste Fim de Policarpo Quaresma (1915)
Numa e Ninfa (1915)
Vida e Morte de M. J. Gonzaga e Sá (1919)
Clara dos Anjos (1948)

CONTO

Histórias e Sonhos (1956)

SÁTIRA POLÍTICA E LITERÁRIA

Os Bruzundangas (1923)
Coisas do Reino do Jambon (1956)

HUMORISMO

Aventuras do Dr. Bodoloff (1912)

ARTIGOS E CRÔNICAS

Feiras e Mafuás (1956)
Bagatelas (1956)

CRÔNICAS SOB RE FOLCLORE URBANO

Marginália (1956)
Vida Urbana (1956)

MEMÓRIA

Diário Íntimo (1956)
Cemitério dos Vivos (1956)

Considerações Gerais

A) Preconceito e privação

Lima Barreto configura a própria imagem dos pingentes dos trens da Central do Brasil, que ainda hoje transitam (e morrem) nos trens de subúrbios; daí a sua simpatia para com os humilhados e ofendidos, que ele conheceu de perto nos bares e botequins do Rio de Janeiro, daí também o mordente de suas sátiras contra a burguesia bem posta na vida, contra a hipocrisia, contra as falsas aparências.

Sentindo na pele o preconceito e a privação, embora vivendo nas franjas da inteligência nacional e da boêmia elegante da Confeitaria Colombo – onde Bilac, Coelho Neto e Emílio de Menezes pontificavam – Lima Barreto teve uma percepção aguda dos contrastes sociais, de onde nascem ódio às desigualdades e a aproximação com Karl Marx:

“Vamos demolir, arrebentar o sistema que não se preocupa comigo, que não me dá valor, que não foi capaz de perceber a grandeza de meu espírito (...) É chegada a hora de reformarmos a sociedade, a humanidade, não politicamente, que nada adianta, mas socialmente, que é tudo.”

Bêbado, cambaleando pelas ruas do Rio, ignorado pela crítica literária de seu tempo, tido como autor “desmazelado”; a fidelidade de Lima Barreto ao cotidiano antecipa em vários aspectos um dos desdobramentos da ficção dos nossos dias: o

romance-reportagem, o romance “ navalha-na-carne”, o romance “mundo cão” de João Antônio, de Ignácio de Loyola Brandão, de Rubem Fonseca, de José Louzeiro; e o teatro contundente de Plínio Marcos.

B) De que vale tudo isso se você não está aqui?

“Sem o saber, esse pobre mulato dos subúrbios antecipava em seus textos a moderna atitude do narrador que se recusava a ver o mundo de cima, a salvo das ameaças. Na sua alma de bandido tímido”, a obra não preexistia ao processo que a originava, assim como não dependia mais de um estado de ser especial e singular para gerá-la. Ela acontecia aqui e agora, banalizada no tempo e no espaço do leitor, no curso das pequenas coisas apanhadas na rua, no acaso que se organizava, depois, em testemunho.

Compreendeu-se, assim, a importância dessa busca do acontecimento baseada na pesquisa do cotidiano e, por trás dessa atitude, passou-se a admitir a modernidade de Lima Barreto, já agora considerado um parente próximo dos escritores rebeldes que fizeram a Semana de Arte Moderna de 1922, apesar de suas restrições à construção dos arranha-céus, ao jogo de futebol e à emancipação profissional da mulher. O modo direto e a preferência pela linguagem coloquial, o interesse pelo folclore e a irreverência com que fustigava sem a menor cerimônia os “escritores burocratas” e acadêmicos contribuíram para que se passasse a ver em seu humorismo, por vezes cínico e redutor, um estado de espírito bem próximo do desvairismo antropofágico. Na verdade, o humorista, que chegou a ser comparado “à estirpe intelectual de um Machado de Assis”, podia muito bem ser incluído a partir de agora entre os enroladores verbais que, como Oswald de Andrade, brincavam com os valores da ordem e da tradição, transformando-os em simples jogos de fumaça.

No entanto, à medida que o tempo foi passando e os males da sociedade brasileira persistiam, vinculados ao mesmo sistema iníquo de tirania e opressão que vigorava em sua época, a presença de Lima Barreto veio preencher uma lacuna inestimável no espaço cultural brasileiro. Sua importância cresceu e, com ela, uma espécie de simpatia veio somar-se, nos últimos anos, à trajetória do oprimido que, como tantos outros, tiveram a palavra cassada, o pensamento violentado e a imaginação reprimida. Mais do que o valor literário, passou-se a admirar a firmeza do gesto que soube desvendar as contradições decisivas do sistema que o marginalizava.”

*(transcrito de Antônio Arnoni Prado, **Literatura Comentada**, Ed. Abril, 1980).*

C) O que quer e o que pode nossa língua?

Opondo-se à linguagem acadêmica, ao retoricismo, ao beletismo, à “arte-pela-arte”, à “arte-evasão”, Lima Barreto colocou-se contra a “moda” da “belle époque”: o verbo encantatório e rebuscado de Coelho Neto, a solenidade de Rui Barbosa, o esteticismo estéril dos parnasianos e o purismo e elegância “britânica” de Machado de Assis.

Usou uma **linguagem jornalística e até panfletária**, mais interessado na enunciação e no conteúdo. Foi acusado de incorreção e mau gosto; apontaram em seus livros freqüentes vícios de linguagem (solecismos, cacófatos, repetições). Contudo, essa língua gramaticalmente irregular reflete a própria dissonância espiritual de Lima Barreto com o estilo corrente na época. São “erros” propositais, que não impedem o uso abrangente da linguagem para a comunicação militante de sua arte e nem elidem a habilidade na manipulação das palavras para a obtenção dos efeitos estéticos ou funcionais que a natureza dos textos exigisse.

Embora Lima Barreto conhecesse os autores europeus da moda, fugiu à influência francesa, preferindo aproximar-se dos **autores russos** como Tolstói, Turqueniev, e especialmente **Dostoiévsky**, cujo realismo tenso seguiu algumas vezes de perto e a quem alude frequentemente em **Cemitério dos Vivos**, livro que pretendia, como **Recordações da Casa dos Mortos**, do autor russo, caracterizar o ambiente nos hospícios, que conheceu nas duas vezes em que esteve internado, em 1914 e 1919.

*“Quando o delírio passou, um funcionário deu-me um balde para lavar a varanda e o banheiro. Tive muito pudor. Lembrei-me do banho de vapor de Dostoiévsky na **Casa dos Mortos**. Quando baldeei, chorei”. (...)*

“O abismo abriu-se a meus pés e peço a Deus que jamais ele me trague, nem mesmo o veja diante de meus olhos como vi por várias vezes. De mim para mim, tenho certeza de que não sou louco; mas devido ao álcool misturado com toda espécie de apreensões de que as dificuldades de minha vida material, há seis anos, me assoberbam de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.”

É freqüente a comparação entre Lima Barreto e Machado de Assis: ambos foram mulatos, nenhum dos dois completou sua educação escolar, tiveram trajetória pessoal semelhante, foram doentes (Machado, epilético; Lima Barreto alcoólatra); tiveram ambos predileção ao problema da hipocrisia e das falsas aparências e escolheram o romance, a prosa de ficção para exprimir a si mesmos. Mas, na vida, estiveram situados em extremos opostos: Machado foi respeitado e aplaudido pelo “stablishment”, conheceu a estabilidade econômica e a “imortalidade” ainda em vida; Lima Barreto jamais se libertou da discriminação e da penúria, visto por muitos como um “neurótico”, que investia contra o burguês, porque “havia lido muito os russos”; como um idealista sincero de segunda classe, que sabia produzir apenas “livros militantes e compreensíveis”.

E agora Lima Barreto?

A imagem que hoje se faz de Lima Barreto é a seguinte:

“escritor claro e objetivo que começava a pôr a literatura nas praças e nos botequins, nas ruas e nas fábricas, nos trens de subúrbio e nos morros do Rio de Janeiro, inaugurando uma mobilidade em que o espaço e o tempo como que se desmistificavam, para se transformar em circunstância integrada à experiência do leitor. Viu-se, com ele, que o fluxo narrativo cedia lugar ao tom improvisado que misturava reportagem e testemunho, aproximando-se da reprodução quase instantânea que se multiplicava ao ritmo das coisas em movimento. Uma criação aleatória que surpreendia a quem não estava acostumado a ver a matéria narrativa depender da observação que precedia a montagem. A surpresa aumentou quando se percebeu que, nos seus escritos, os assuntos não eram propriamente “narrados”, mas apenas organizados, distanciando-se da plenitude do “acontecer” ficcional que se instaura incontroverso e acabado. (...)”

Poucos como ele souberam, na época, reconhecer a importância política da Revolução Russa de 1917 e sua visão acerca dos problemas sociais do pós-guerra era das mais lúcidas e penetrantes. Não chegou a ser um marxista, deixando-se influenciar tanto pelo liberalismo spenceriano como pelo anarquismo de Kropotkine. Seus escritos, porém, manifestavam sempre a intenção sincera de libertar as massas, razão pela qual acabou sendo um dos partidários do maximalismo.”

(Antônio Arnoni Prado, op. cit.)

Há, contudo, **contradições** surpreendentes na “ideologia” de Lima Barreto: o iconoclasta de tabus, o demolidor da hipocrisia e o crítico mordaz da burguesia reacionária, detestava algumas formas típicas de modernização que o Rio de Janeiro conheceu nos primeiros decênios do século: o cinema, o futebol, o arranha-céu e o que é mais grave, a própria ascensão profissional da mulher. O prof. Alfredo Bosi anota que Lima Barreto chegava a preferir o regime monárquico ao republicano.

Vê-se nessas contradições uma reação natural do homem que, advindo da pequena classe média suburbana, reagia como suburbano, em termos de conservadorismo sentimental; a sua xenofobia filiava-se a um natural instinto étnico-social. A aversão aos homens e processos da República Velha explica-se pela ojeriza às oligarquias que tomaram o poder em 1889.

“Uma rematada tolice que foi a tal república. No fundo, o que se deu em 15 de novembro foi a queda do partido liberal e a subida do conservador, sobretudo da parte mais retrógrada dele, os escravocratas de quatro costados.”

(Lima Barreto, **Coisas do Reino de Jambon**)

As Recordações do Escrivão Isaías Caminha

Obra de estréia, narrada em **primeira pessoa**, tem cunho memorialista e excessivamente **autobiográfico**. Projeta a vivência do próprio autor nas redações de jornais e repartições públicas, retratando os tipos que conheceu: o político, o jornalista, o burocrata.

Narra a história de um jovemprovinciano que vai menino para o Rio de Janeiro, pensando em fazer a vida e virar doutor. Pobre, mas inteligente e cheio de idealismo, convence, contra a vontade da mãe, o tio Valentim e recomendá-lo, por intervenção de um coronel amigo da família, a um deputado influente no Rio de Janeiro, o doutor Castro.

Isaías, na ingenuidade dos doze anos, tinha plena convicção de seu êxito. Conforme dizia, chegava mesmo

“a ouvir uma tentadora sibila falar-me, a toda hora e a todo instante, na minha glória futura”.

Seu grande sonho de ser doutor, segundo ele,

“resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor”.

O primeiro contato com a cidade, porém, se encarregaria de ir dissipando aos poucos as primeiras ilusões. O encontro com as primeiras pessoas no novo ambiente põe diante dele um mundo de aparências e de interesses escusos. A visão afetada e arrogante do padeiro endinheirado Laje da Silva, o fingimento insuportável de Raul Gusmão, a imagem deprimente de um senador da República em atitudes obscenas em pleno bonde, tudo isso vinha deprimi-lo num mundo de expectativas mecânicas, de oportunismos e de indiferença.

A decepção aumenta diante do triste espetáculo de uma sessão do plenário da Câmara, para onde fora à procura do doutor Castro, ao qual havia sido recomendado. O que para ele se afigurou sempre um lugar sagrado da soberania popular transformase, num instante, numa experiência vergonhosa, ante a visão dos deputados dormindo, conversando ou dando as costas ao colega que ocupava a tribuna.

A situação se agrava quando o seu suposto protetor, mostrando a pior indiferença, se recusa a ajudá-lo. A falta de dinheiro, o desemprego, as humilhações a que se vê exposto, por falta de experiência e de maturidade, acabam por deixá-lo à própria sorte na cidade grande. Obrigado a sair do hotel, é tomado como suspeito de um roubo ocasional a um dos hóspedes. Revoltado, ofende o delegado e é preso, mas logo posto em liberdade, por conhecer casualmente um jornalista a quem o delegado temia.

Entra então em desespero. Tudo lhe parece impossível. Não reage, vende os livros par apoder pagar o hotel e o aluguel da casa de cômodos, passando a comer apenas quando não podia suportar a fome.

Conhece, então, Abelardo Leiva, poeta e revolucionário, que o leva a conhecer o Rio, iniciando-o nos mistérios da grande cidade. Mas é o amigo Gregoróvitch, graças a quem conseguiu sair da prisão, que dá um rumo à sua vida, levando-o para a redação do jornal **O Globo**.

No jornal, apesar de contínuo, tem condições para manter a pensão e a comida. Tal circunstância é suficiente para que deixe os sonhos e ilusões do passado e se encolha numa atitude subserviente que, no entanto, lhe garante a subsistência. Será, então, uma espécie de visor passivo do êxito alheio em movimento, contentando-se em assimilar o sucesso de seus companheiros.

“Em menos de ano e tanto”, nos dirá, “já tinha construído uma pequena consciência jornalística para meu uso. Julguei-me superior ao resto da humanidade que não pisa familiarmente no interior das redações e cheio de inteligência e de talento, só porque levava tinta aos tinteiros dos repórteres e dos redatores e participava assim de um jornal, onde todos têm gênio.”

Sua vida, aos poucos, morre no limite do êxito de Loberant, o rigoroso dono do jornal, que impunha férrea disciplina na redação e se mostrava capaz de qualquer expediente para que o jornal no outro dia estivesse nas bancas. E identifica-se de maneira quase cega com a vida dos companheiros que mal o percebem como ser humano. De sua história, passa a fazer parte tão-somente: o desleixo estilístico e o oportunismo de Gregoróvitch; a caturrice vernácula do gramático Lobo; a rotina

subserviente do secretário Leoporce; o humorismo programado de Losque e de Lara; a malandragem editorial de Aires D'Ávila; a limitação intelectual de Floc, o crítico literário do jornal.

Seu mundo passa a ser o mundo das rotativas e das emendas, das tiras e dos linotipos, o mundo das notícias fabricadas, dos necrológios, dos elogios encomendados, da projeção de falsos heróis e da bajulação dos poderosos.

Um dia, Isaías acaba, sem querer, surpreendendo Loberant numa noite de orgias, quando vai procurá-lo para comunicar-lhe o suicídio de Floc em plena redação. Constrangido perante o contínuo que tanto o admirava, Lobert passa a protegê-lo, temendo desmoralizar-se.

Um simples fato fortuito, assim, virá dar-lhe aquilo que Isaías julgava ser uma promessa grandiosa de seu brilhante destino. Bajulado por Loberant, escreve um artigo, frequenta a mesa de redação e logo se transforma em repórter.

Em pouco tempo, já é admitido como parceiro de Loberant em suas escapadas pela noite boêmia.

O Triste Fim de Policarpo Quaresma

O romance, narrado na terceira pessoa, descreve a vida política do Brasil após a proclamação da República, caricaturizando o **nacionalismo ingênuo, fanatizante e xenófobo** do major Policarpo Quaresma, apavorado com a descaracterização da cultura e da sociedade brasileira, modelada em valores europeus.

Divertido e colorido no início, o livro se desdobra no sofrimento patético do Major Quaresma, incompreendido e martirizado, convertido numa espécie de **Dom Quixote nacional**, otimista incurável, visionário, paladino da justiça; expressando na sua ingenuidade a doçura e o calor humano do homem do povo.

Dividido em três partes, há uma forte unidade nos episódios da obra, que funcionam não só como três atos da vida de Policarpo Quaresma, mas também como três quadros da vida brasileira.

A primeira parte retrata o burocrata exemplar, patriota e nacionalista extremado, interessado pelas coisas do Brasil: a música, o folclore e o tupi-guarani, que pretende transformar na língua oficial do Brasil.

Na segunda parte, desiludido com as incompreensões, o Major Quaresma se retira para o campo, onde se empenha na reforma da agricultura brasileira e no combate às inexpugnáveis saúvas.

Na terceira parte acentua-se a sátira política. Motivado pela Revolta da Armada, Quaresma apóia Floriano Peixoto e, aos poucos, vai identificando os interesses pessoais que movem as pessoas, desnudando o tiranete grotesco em que se convertera o "Marechal-de-Ferro".

A) RESUMO DA OBRA

Policarpo Quaresma é um major de hábitos regulares, que trabalha como subscreetário do Arsenal de Guerra e que, durante os lazeres burocráticos,

"estudou a Pátria, nas suas riquezas naturais, na sua história, na sua geografia, na sua literatura e na sua política".

O major Quaresma

"sabia as espécies de minerais, vegetais e animais que o Brasil continha; sabia o valor do ouro, dos diamantes importados de Minas, as guerras holandesas, as batalhas do Paraguai, as nascentes e os cursos de todos os rios. Defendia com azedume e paixão a proeminência do Amazonas sobre todos os demais rios do mundo. Para isso ia até ao crime de amputar alguns quilômetros ao Nilo e era com este rival do 'seu' rio que ele mais implicava. Ai de quem o citasse na sua frente! Em geral, calmo e delicado, o major ficava agitado e malcriado, quando se discutia a extensão do Amazonas em face ao Nilo".

Assim, depois de trinta anos de meditação patriótica, era um nacionalista exaltado que se julgava em condições de propor e lutar por reformas radicais no país.

Já era então um estudioso que procurava na fonte as nossas autênticas tradições folclóricas, tomando como regra de conduta os costumes dos tupinambás e valorizando as modinhas populares. Com isto, meditava grandes obras que visavam, segundo ele, “à emancipação de um povo.”

Cercavam-no militares medíocres e sem vocação: o **general Albernaz**, preocupado com o casamento da filha Ismênia com o doutor Cavalcanti; o **contra-almirante Caldas**, a quem foi dado o comando de um encouraçado que jamais chegou a localizar (soube-se depois que tinha ido a pique na Guerra do Paraguai); e o **major Bustamante**, um “demandista” que só se interessava pelos papéis de sua aposentadoria.

Diante de tanta incompetência, o nacionalismo exacerbado do major Quaresma repercute desde logo como loucura perigosa. Na verdade, um requerimento desastrado do major, sugerindo ao Congresso Nacional a adoção do tupi como língua oficial do Brasil, provocaria as conseqüências que todos esperavam: troças nos jornais, na rua, nos meios burocráticos, na própria repartição. Não tardaria mesmo que o maníaco Quaresma fosse suspenso temporariamente de suas funções, por ter mandado ao coronel-diretor o texto de um ofício de rotina traduzido em língua indígena.

Declaro louco, é trancafiado no hospício, de onde insiste em ver fantasmas e projetar reformas, contra

“os inimigos terríveis cujos nomes o seu delírio não chegava a criar”.

Aplaudiam-no apenas o amigo fiel, o **violeiro Ricardo Coração dos Outros**, e a **afilhada Olga Coleoni**,

Os únicos, na verdade, que acreditavam na sua mensagem revolucionária.

Seis meses depois, ao sair do hospício, seu desejo de preservar as tradições e os costumes nacionais já não era tão intenso, surgindo em seu lugar um novo plano: o da reforma da agricultura brasileira. Animais, apetrechos, um museu de produtos naturais e até uma biblioteca agrícola transformam o seu sítio, o Sossego, num quartel-general da reforma agrária.

Preocupa-o apenas esse propósito, e nada mais. Até o sufrágio universal lhe parecia um flagelo, pois julgava agora que

“era tolo estar a pensar em governadores e guaribas, quando a nossa vida pede tudo à terra e ela quer carinho, luta, trabalho e amor...”.

O patriotismo, no entanto, persiste, e Ricardo Coração dos Outros, em visita ao Sossego, transmite a Quaresma o forte gosto da nacionalidade que sentiu em suas andanças pelo povoado. Ademais, correm pelas redondezas boatos de que Quaresma é amigo do marechal Floriano Peixoto e sua presença no campo serve para que seja denunciada a situação de extrema penúria em que vivem peões e camponeses.

O próprio Quaresma redobra forças em seu **empenho quixotesco** para redimir o campo, chegando mesmo a lamentar a “falta de solidariedade” que sentia nos trabalhadores rurais. Porém, esse segundo estágio revolucionário também fracassa, diante de uma peste impiedosa que dizima os animais e as aves de corte.

A eclosão da Revolta da Armada abre o terceiro estágio do projeto revolucionário de Policarpo Quaresma: apoiar o marechal Floriano e lutar contra os rebeldes amotinados na baía de Guanabara, para, assim, defender a ordem republicana ameaçada.

Enquanto os amigos militares fazem do episódio da Revolta um expediente para conseguir seus intensos (o general Albernaz contava ganhar um comissão para acabar o enxoval de sua filha; Bustamante pensava em chegar a coronel; Caldas, afinal, teria o que comandar para chegar à aposentadoria), Quaresma leva a Floriano um memorial para a recuperação da agricultura brasileira.

No entanto, Floriano não lhe dá atenção, deixando-se levar pelos bajuladores que lhe pedem postos de comando para os combates. Um pedaço do memorial é rasgado para servir de bilhete a uma mensagem que o marechal remete a um subalterno. Floriano ordena a Bustamante que incorpore Quaresma como chefe de destacamento, mas este vai aos poucos estabelecendo diferenças entre as duas imagens que faz agora do marechal: a do tiranete doméstico e sempre despótico que acabava de conhecer e a do revolucionário autêntico que concebera em seus sonhos de patriota.

Decepcionado, não recua e luta com extrema coragem, levando consigo o trovador Ricardo. Mas não tem espírito guerreiro: moderado demais para a missão de comando, é desautorizado por ser condescendente para com seus soldados.

O próprio Floriano, numa inspeção de rotina, o considera um visionário. Ferido em combate, é internado. Com o fim da revolta e a vitória de Floriano, vai com o seu destacamento guarnecer a ilha das Enxadas na condição de carcereiro, pois o comando coube a Bustamante.

Humilhado e doente, é preso e mandado para a ilha das Cobras, por ter redigido um protesto em defesa de alguns soldados inexplicavelmente presos sob suas vistas.

Reconhecendo, por fim, que

Um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete, é fuzilado injustamente pela ordem arbitrária que ajudou a defender.

B) TEXTOS

B₁) Preocupado em investir contra o academicismo, Quarsma procura constituir um esquema de hábitos sociais e convenções fundamentadas nas tradições indígenas. Assim, ao receber a visita de seu compadre Coleoni com a afilhada Olga, traduz sua alegria em prantos, como tinha lido ser hábito dos índios.

É dentro dessa linha de pensamento que envia um requerimento à Câmara Federal, pedindo seja o tupi-gurani reestabelecido como língua oficial do Brasil. Assim era concebida a petição:

“Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil, certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever em geral, sobretudo no campo das letras, se vêem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro de nosso país, os autores e escritores, com especialidade os gramáticos, não os autores e escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem ao tocante à correção gramatical, vendo-se diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma, usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua idéia, pede vênua para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica que tendemos, evitando-se dessa forma as estereis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de um língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto impedem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica.

Seguro de que a Sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômulo de que a Câmara e o Senado pesarão ao seu alcance e utilidade.

P E deferimento.”

B₂) Transcrevemos, a seguir, o **Fim de Policarpo**, onde a personagem cai em si, percebendo o quanto fora tolo e quixotesco na sua ingenuidade e honestidade:

“Iria morrer, quem sabe se naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levava toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também, e, agora, que estava na velhice como ela o recopensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara – todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara.

.....
A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete. Nem a física, nem a moral, nem a intelectual, nem a política que julgava existir, havia. A que existia de fato, era a do Tenente Antônio, a do Doutor Campos, a do homem do Itamarati.

E, bem pensando, mesmo na sua pureza, o que vinha a ser a Pátria? Não teria levado toda a sua vida norteado por uma ilusão, por uma idéia a menos, sem base, sem apoio, por um Deus ou uma Deusa cujo império se esvaía? Não sabia que essa idéia nascera da amplificação da credence dos povos greco-romanos de que os ancestrais mortos continuariam a viver como sombras e era preciso alimenta-las para que eles não perseguissem os descendentes?

Mas, como é que ele tão sereno, tão lícido, empregara sua vida, gastara o seu tempo, envelhecera atrás de tal quimera? Como é que não viu nitidamente a realidade, não a pressentiu logo e se deixou enganar por um falaz idolo, absorver-se nele, dar-lhe em holocausto toda a sua existência? Foi o seu isolamento, o seu esquecimento de si esmo; e assim é que ia para a cova, sem deixar traço seu, sem um filho, sem um amor, sem um beijo mais quente, sem nenhum mesmo, e sem sequer uma asneira!

Nada deixava que afirmasse a sua passagem e a terra não lhe dera nada de saboroso.”

A Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá

Narrado por Augusto Machado, o romance se propõe a traçar um esboço de biografia de **Gonzaga de Sá**, amigo do narrador, que vai alternando o relato biográfico com suas próprias reflexões sobre a vida e os homens, com a denúncia das mazelas da vida brasileira, com a crônica mordente da sociedade carioca.

A comercialização da cultura; a linguagem descuidada dos jornais; os falsos intelectuais que só sabiam mostrar o radicalismo de suas convicções nas mesas dos cafés, macaqueando idéias e tiques da cultura francesa; a Abolição que, sem realizar as esperanças dos negros, prolongou as agruras dos mestiços; a frustração da República a serviço da oligarquia, apoiada numa burocracia alienada, num militarismo estreito e numa imprensa impotente, quando não venal – eis o pano de fundo das reminiscências que o cético e desencantado Augusto Machado vai traçando do amigo Gonzaga de Sá.

A oposição ao estilo oficial, ao purismo das gramáticas normativas, ao pedantismo, já se manifesta no cacófato ostensivo do título do romance – M.J. – (“emijota”) e se desdobra na aguda percepção da fragilidade da vida literária de então. Observe esta reflexão de Gonzaga de Sá, falando pelo próprio Lima Barreto:

“A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. O mais, é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil, a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: Dona Dulce, moça de Botafogo em Petrópolis, que se casa com o Dr. Frederico. O comendador seu pai não quer porque o tal Dr. Frederico, apesar de doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do colégio de irmãs. Esta escreve à mulher do ministro, antiga aluna do colégio, que arranja um emprego para o rapaz. Está acabada a história. É preciso não esquecer que Frederico é moço pobre, isto é, o pai tem dinheiro, fazenda, ou engenho, mas não pode dar uma mesada grande.

Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário. Quando tu verás, na tua terra, um Dostoiévski, uma George Eliot, um Tolstoi – gigantes destes, em que a força de visão, o ilimitado da criação, não cedem o passo à simpatia pelos humildes, pelos humilhados, pela dor daquelas gentes donde às vezes não vieram – quando?”

Clara dos Anjos

Escrito na mesma época que as **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**, mas somente publicado em 1948, tem caráter autobiográfico, transpondo as humilhações do mulato Lima Barreto nas de Clara dos Anjos, moça pobre de subúrbio, seduzida e abandonada por Cassi Jones de Azevedo, de extração burguesa e que gastava seu tempo tocando violão, seduzindo mulheres e apostando em briga de galos, e que continuava impune subornando a polícia e acobertado pela família.

Na segunda parte do volume **Clara dos Anjos**, na edição de 1948, da Editora Mérito, está incluído um dos contos mais conhecidos de Lima Barreto: – **O Homem que Sabia Javanês**, que põe em evidência, de modo caricaturesco, a nossa triste vocação para o oportunismo e para a improvisação.

O relato tem quase o ritmo de uma conversa de bar. Entre uma cerveja e outra, Castelo, o narrador, conta como se transformou num falso professor de javanês e as peripécias que acabaram por fazer do impostor Castelo, um “respeitável” conferencista, autor de obras e, finalmente, diplomata.

Lima Barreto: um brinde!